

A incerteza, uma oportunidade para mudar o mundo

Científicos ao redor do mundo concordaram que a ameaça do vírus que enfrentamos na atualidade se alimenta, é claro, da nossa forma de vida. A depredação ambiental tem provocado uma redução importante do hábitat dos animais selvagens e, portanto, que o vírus se tenha propagado em saltos zoonóticos que vão dos animais até os humanos devido à inevitável proximidade entre espécies. Apesar da vacinação e a pesquisa dos medicamentos para superar a crise de saúde, é provável que nunca derrotemos por completo a COVID-19, vai ser preciso aprender a conviver com esse vírus em particular e os próximos que apareçam.

O coronavírus nos apresenta mais uma razão para refletir e testar nossa forma de vida. É preciso ajustar nossa atual concepção do mundo e mudar a forma em que nos relacionamos com os outros e o planeta. Nós somente somos mais uma das nove milhões de espécies de seres vivos que convivem na Terra: não podemos continuar a ser vizinhos tão ruins.

Moramos no meio de uma compulsão pelo aumento e a acumulação ambiciosa, sem medida e sem fim. Nossa forma de vida estabelece uma relação problemática e até patológica com o mundo. O infinito crescimento económico que aspiramos não é racional se consideramos os limites do planeta e os limites de nossas próprias vidas. Essa compulsão nos levou às diversas crises globais que hoje acentuam a pandemia: a crise económica, a crise da democracia, a crise ecológica, a crise na saúde física e mental das pessoas e, em definitiva, a uma profunda crise social.

A pandemia tem colocado perante nossos rostos o que antes já não era ocultável, a grande inequidade, desigualdade, exclusão, discriminação e marginalização que atravessa o mundo inteiro e que em nossa região da América Latina se tem convertido, para a maioria, em destino trágico de mera sobrevivência sob os mínimos vitais, sociais e dignidades como pessoas.

Na América Latina e o Caribe, a COVID-19, particularmente, tem atuado como catalizadora da desigualdade que é estendida em nossas nações. Hoje, apesar da recrudescência da pandemia na Colômbia, por exemplo, a população sai às ruas obrigada pela crise de falta de solidariedade, de falta de oportunidades, e de violência que o Estado não tem atendido adequadamente por várias décadas, por não tiver planejado e construído um cenário do futuro da nação como um projeto para todos com inclusão, equidade e paz.

A responsabilidade com nós, com as próximas gerações e os outros habitantes do planeta, tem a ver com a procura e a implementação de soluções proativas, criativas, cooperativas e éticas para construir um futuro desejável.

Precisamos, então, de questionar muitas certezas e de nos situar no espaço incómodo, mas frutífero, da incerteza que vai nos permitir crescer, já não na acumulação, senão como melhores seres humanos e melhores vizinhos de um planeta com limites, onde a gente possa crescer em liberdade, criatividade e solidariedade para ser felizes em comunidade.

Todos meus anos de trabalho na ciência me tem permitido saber que a incerteza é a nossa maior oportunidade, pois a geração e gestão do conhecimento frutificam graças

às situações de não certeza: a criatividade é mais forte e as possibilidades da realidade mais diversas quando a incerteza nos leva a inovar.

Estou certa de que a liderança coletiva que se executa na gestão do conhecimento é a oportunidade para mudar nossa forma de ver o mundo e de nos relacionar com os outros e a natureza. É a partir do ensino de qualidade, da procura e gestão de conhecimento e da cooperação, desde onde precisamos estabelecer uma nova conversa como seres humanos que tentam superar as crises juntos.

As universidades precisam liderar o projeto da nova conceição do mundo, onde a incerteza inspira a cooperação, a empatia e a solidariedade para lograr um bem colaborativo. Um bem que inclui a riqueza nossas vidas como cidadãos que participam na construção da comunidade, e fomentam uma forma de vida sustentável e respeitosa com os outros habitantes do planeta.

A missão de nossas universidades precisa se fundamentar em uma visão do futuro traçada pela procura de harmonia entre cada um de nós, como cidadãos responsáveis, comprometidos com a transformação ética de nossa realidade. Também é preciso atingir essa harmonia entre todos e o planeta para que, como espécie, sejamos capazes de morar em ambientes com plenitude de sensibilidade, conexão criativa e comunidade.

A universidade, promotora da unidade nacional a partir da sua diversidade, precisa gerenciar as convergências necessárias para construir uma sociedade melhor. Ante os desafios do mundo contemporâneo, o que é preciso mudar para seguir cumprindo?

É preciso impulsar, através do ensino e a gestão do conhecimento, as mudanças culturais que potenciam as capacidades de liderança coletiva e transformadora das pessoas. As mudanças culturais passam por ações e processos de ordem interno e externo em nossas instituições, já que são orientadas a melhorar os fluxos de comunicação e criação dentro da comunidade universitária, e a fortalecer nossa capacidade de nos relacionar com o entorno. Alguns aspectos centrais das mudanças culturais são:

Modelo intersedes da universidade como tentativa para a equidade e a excelência. Cada uma das sedes universitárias, no partilhar e somar as experiências, é uma via pela qual pode andar a fortaleza do conhecimento integral, em todas as áreas, para contribuir à união de cada região com o Brasil a partir do reconhecimento da riqueza da diversidade biológica e cultural que caracteriza os territórios.

Liderança acadêmica nacional em um entorno global. Precisa permitir à universidade manter e fortalecer sua incidência na transformação social de cada país. Através duma liderança coletiva e transformadora, precisamos seguir contribuindo nos sistemas nacionais de ensino, ciência, tecnologia, inovação e competitividade, em esforço conjunto com as outras instituições de Ensino Superior.

Estou certa de que a contribuição em nossa região, com a consolidação de programas e planos de cooperação e troca de conhecimento, é central para a construção de uma identidade da América Latina e o Caribe, que poderá nos permitir formar uma nova visão do mundo e superar os desafios comuns das nossas nações. Devido a isso é preciso manter nosso compromisso com a construção e consolidação da União de Universidades de América Latina e o Caribe –UDUAL–.

A mudança digital institucional. É constituída por um processo de mudança cultural onde a tecnologia é só uma ferramenta para começar inovações pedagógicas e de pesquisa, e também mudanças fundamentais na forma em que a universidade se relaciona com os territórios do seu país e o mundo. A transformação digital nos permite consolidar formas de organização mais descentralizadas, flexíveis e ligeiras; levar a cabo a toma de decisões de maneira mais horizontal e democrática, e aceder a formas de trabalho por processos mais eficientes e efetivos.

Um modelo acadêmico para a formação integral. Considerando a permanente autoavaliação de nossas instituições e a necessidade contemporânea da formação em habilidades comunicativas, afetivas, de pensamento crítico e de pensamento lógico-matemático, precisamos garantir em todos os programas acadêmicos o desenvolvimento integral de atitudes cidadãs e aptidões cognitivas. Um novo modelo pedagógico precisa se aplicar para harmonizar as funções da missão do ensino, a pesquisa e o trabalho com as comunidades, assumindo o conceito de “campi como aulas”, onde o conjunto de experiências universitárias, com currículo aberto e flexível, é parte da formação integral dos estudantes.

A pandemia tem oferecido muitas e muito diversas lições ao redor da aprendizagem dentro das universidades. Sabemos o vazio que deixou o afastamento de nossos campi e aquela impagável forma de partilhar com os outros. O valor da experiência presencial na aprendizagem é indiscutível, mas precisamos nos adaptar e integrar na nossa conceição de universidade o melhor dos dois mundos: o virtual e o presencial, pois nosso espaço físico precisa se expandir até *campi híbridos de conhecimento e vivencia universitária*. Em essa nova conceição de campi, a conectividade tecnológica vai nos permitir atingir uma maior e melhor conectividade cognitiva e emocional entre nós, como comunidades universitárias, e entre elas, a sociedade e a natureza.

A reconceitualização do bem-estar como parte da formação integral. É preciso assumir o bem-estar universitário como o cenário para a construção das melhores condições de desenvolvimento acadêmico e humano. Isso quer dizer, entre outras coisas, propor novos referentes de participação, impulsar a liderança coletiva, superar a violência sexual, de gênero, e todo tipo de discriminação. Um *bem-estar integral* precisa garantir o *bem-ser, o bem-fazer e o bem-viver em comunidade*.

Em conjunto, a grande mudança cultural precisa transformar a maneira de nos relacionar entre nós e o mundo, de reconhecer a nossa humanidade, como seres que necessitam do ambiente e da vida em comunidade, seres apaixonados pelo conhecimento e a aprendizagem, seres que florescem devido a que prospera seu entorno natural e cultural, seres conscientes dos limites do nosso lugar no planeta, que salvaguardam o interesse comum de todas as espécies que moramos no mundo.

Assim, estou certa de que a convergência, devido à gestão do conhecimento gerado e partilhado nas ciências e as humanidades, as artes e as tecnologias, a política e a ecologia, vai nos conduzir até novas formas de nos compreender como seres interdependentes, unidos com o destino dos outros. Através da convergência no conhecimento, precisamos identificar o que nos liga e construir sistemas de solidariedade para abrir futuros mais moráveis.

Não podemos sair da pandemia sem tiver apreendido o mais importante: é preciso mudar *a forma como sentimos, vemos e nos sentimos no mundo, para que o mundo mude e reviva pelo bem de todos os que estamos e vão estar aqui*.

Dolly Montoya Castaño
Presidente da União de Universidades de América Latina e o Caribe
Reitor da Universidade Nacional da Colômbia